

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Liberal (P.A.)

Class.: 162

Data: 17 de fevereiro de 1990

Pg.: _____

A questão indígena

João Malato

A propósito do assunto indígena, que frequentemente é motivo de meus comentários nesta coluna, recebi do superintendente executivo da Funai, neste Estado, sr. Dinarte Nobre de Madoiro, a seguinte carta que, a despeito da sua extensão, agasalho com o máximo prazer:

"Caro amigo João Malato. Não é de hoje que acompanho sua brilhante atuação no jornalismo paraense. Antes de ter o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, tive a felicidade de firmar uma sólida e sincera amizade com uma de suas filhas, a professora Castália, ao tempo em que ela e Píneiro Lopes residiam em Itaituba, onde eu exerci por quase 7 anos a função de chefe de Ajudância da Fundação Nacional do Índio.

Aliás, desde o início dessa amizade frutuosa, que perdura até hoje, tinha eu a mais absoluta certeza de que o pai não poderia ser diferente da filha, na honradez, na competência com que ambos exercem o seu mister, na honestidade em assumir posições — ainda quando estas possam contrariar até mesmo os amigos mais próximos —, na humildade de reconhecer-se passível de erros, porque o erro é inerente à condição humana.

Não me enganei, felizmente. Sua verve jornalística, sua combatividade, sua audácia saudável e seus imensos conhecimentos dos problemas da Amazônia, sobretudo deste Pará que eu, nordestino, aprendi a gostar tanto, desde o primeiro dia em que aqui cheguei, todos esses são atributos que, sem qualquer demérito para os demais, o tornam um dos mais notáveis jornalistas vivos de toda a região. Durante todo esse tempo, meu caro jornalista João Malato, tenho lido com atenção redobrada todos os seus artigos que tratam da questão indígena. Esse, devo frisar, é um tema apaixonante — e você haverá de concordar —, principalmente hoje em dia, quando se vinculam os problemas relacionados ao índio a outra questão ainda candente, a da preservação da natureza. Você tem sido contundente em muitas colocações que envolvem os índios e, por extensão, a própria política adotada pela Funai como o órgão oficial incumbido de assisti-los. Escrevo-lhe só agora esta carta, meu caro amigo, porque entendo que você, mais do que ninguém, merece alguns esclarecimentos que talvez possam ajudá-lo a considerar melhor alguns aspectos da questão indígena.

Seus artigos não têm poupado de críticas todo e qualquer índio que, vez por outra, comete deslizes — alguns deles, devo reconhecer, bastante graves. Devo adiantar-lhe que eu, na qualidade de superintendente regional da Funai, repudio com veemência toda e qualquer forma de violência, parta ela de onde partir, posição que aliás, tenho expressado publicamente pela Imprensa desse Estado. Da mesma forma, acredite-me o caro jornalista, os nossos irmãos índios não são violentos! Não gostam de proceder agressivamente. O grande problema é que se criou o hábito de estando um índio eventualmente envolvido em qualquer incidente, logo se lhe atribui a culpa e tenta-se condená-lo, a priori, — sem sequer apurar as circunstâncias em que ocorreu o episódio. Mas cada caso é um caso. E entendo que o justo seria não generalizar esse aspecto da questão, que só contribui para que a sociedade não-índia mantenha, em relação aos silvícolas, uma predisposição negativa.

Não só você, mas muitas pessoas, por este Brasil afora, criticam, com veemência, a extensão do espaço reservado para o habitat dos grupos indígenas, por entenderem que, haveria terra demais para tão poucos índios. Uma revista de circulação nacional, aliás, ao ser referir sobre isso, costuma registrar que todos os índios brasileiros, hoje, "cabem dentro de um estádio como o Maracanã", afirmação que é verdadeira, sim — infelizmente verdadeira, ressalte-se —, mas que, feita com insistência e sem levar em conta a realidade, contém muitos e graves equívocos ao tentar mostrar que os índios é que seriam os grandes latifundiários do país.

A identificação de uma área indígena, meu caro Malato, não é feita aleatoriamente. Esse trabalho envolve várias etapas e é precedido sempre de abalizados estudos cujo objetivo é identificar os hábitos e costumes do grupo indígena, seus cemitérios, os sítios onde cultuam seus "deuses", os locais apropriados para a formação de roças, a sua área de perambulação, etc. Só a partir daí e levando-se também em conta a imemorialidade do território ocupado, é que poderá ser definida a exata dimensão de uma reserva indígena. Assim, enquanto nós, não-índios, andamos alguns metros para comprar um quilo de carne no açougue da esquina, os índios são obrigados, às vezes, a andar dois, três dias, por dentro da mata, para encontrar um jabuti.

Todas as áreas indígenas, como o caro jornalista bem sabe, são patrimônio da União, mas de usufruto exclusivo das comunidades que nelas habitam, conforme dispõe não só a Lei nº 6.001 (Estatuto do Índio), mas a própria Constituição Federal promulgada em outubro de 1988. Em virtude disso, a Funai, como órgão tutor, é visceralmente contra, por exemplo, a exploração de madeira e a atividade garimpeira dentro das reservas indígenas.

Essas duas atividades, aliás, têm sido em grande parte responsáveis por muitos problemas entre os índios, entre os quais a acelerada descaracterização de suas culturas. Veja você, meu caro Malato, o caso dos índios Kayapó. Eles são trabalhadores, são índios bons, tentam a todo custo preservar sua cultura. Mas lhes foi — e continua a ser — difícil resistir à sedução representada pelos resultados financeiros auferidos com a garimpagem de ouro, por exemplo. Isso criou, entre os Kayapó, necessidades que eles desconheciam, que eram típicas do homem branco. E os problemas, daí decorrentes são muito grandes. Por isso, mesmo que a Funai tenha se posicionado contra a exploração de madeira e contra os garimpeiros, os próprios índios, ingenuamente, foram induzidos a abrir suas áreas a essas atividades. Os Kayapó, até 1982, viviam exclusivamente da coleta de castanha e cumaru, além da venda de artesanato. Mas essas atividades foram francamente reduzidas depois que as forças econômicas e políticas os seduziram, levando-os a ceder suas áreas para a extração de madeira e ouro.

Meu caro jornalista João Malato, preste-lhe esses esclarecimentos — e devo ressaltar bem isso — com o único intuito de contribuir positivamente para o debate acerca da questão indígena. E disponho-me, desde já, a atendê-lo no que for possível, cedendo-lhe informações que possam respaldar ainda mais os seus conhecimentos sobre o assunto, o que, tenho plena certeza, só realçará ainda mais o brilhantismo de seus artigos. Com os meus cumprimentos e a minha admiração, a) Dinarte Madoiro".